DA FESTA PAGÃ À EUCARISTIA CRISTÃ: A MESA DA IGUALDADE

Ana Lúcia Alencar de Souza[1]

Resumo

A instituição da Eucaristia como memorial da entrega incondicional do Filho, Jesus Cristo, ao projeto de salvação do Pai da humanidade acontece dentro da festa judaica da Páscoa. Será em torno dessa refeição familiar que Jesus irá oferecer ao mundo uma nova terra prometida: a salvação de Deus. Apesar de todo o sentido teológico e litúrgico da última ceia, faz-se necessário atribuir-lhe também um valor pastoral. Neste sentido, ao falar de Eucaristia como mesa da igualdade, buscar-se-á em Paulo, em sua exortação à igreja de Corinto, o sentido social da mesa da Eucaristia.

Palavras-chave: Eucaristia. Alimento. Igualdade. Festa.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe, a partir da exortação de Paulo à comunidade de Corinto, apresentar a mesa da eucaristia como lugar de igualdade e de solidariedade, isto é, ressalta-se o caráter social da eucaristia. Sabendo que a instituição da eucaristia por Jesus aconteceu dentro da liturgia familiar da Páscoa judaica, procurar-se entender o significado histórico dessa festa: do paganismo ao judaísmo e, depois, a ressignificação feita por Jesus na última ceia, para que se possa chegar ao sentido pastoral da mesa eucarística.

Desde os primórdios da humanidade, o ato de festejar esteve presente nas diversas civilizações, que se reuniam para agradecer a uma divindade

[1] Mestranda em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), especialista em Estudos Bíblicos (2012) e graduada em Teologia (2005) pela Faculdade Católica de Fortaleza. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Bíblica. *E-mail*: alasnj@hotmail.com.

pelo alimento cotidiano, pela chuva que fecunda a terra, fazendo os frutos crescerem, ou pela vitória na batalha. Com o advento das bebidas fermentadas, as reuniões coletivas ficaram mais alegres, e algumas vezes essa alegria extrapolava (cf. Gn 9,20-25).

Para o povo da Bíblia, não era diferente. As três grandes festas de peregrinação do povo judeu eram: a Páscoa, a festa das Semanas ou das Tendas, e a festa dos Ázimos. Esta última, com o passar do tempo, foi associada à festa da Páscoa. No contexto neotestamentário, a Páscoa era a principal festa do povo judeu (DE VAUX, 2003, p. 521). A festa pascal judaica está intrinsicamente associada ao evento fundante da história de Israel: a libertação do povo judeu diante da escravidão do Egito. Como bem nos diz o texto bíblico do livro do Deuteronômio: "Observa o mês das espigas e celebra a Páscoa para o Senhor, teu Deus, pois foi, no mês das espigas, que o Senhor te fez sair do Egito, durante a noite" (16,1).

Além da tradição deuteronomista, outras tradições que compõem o Antigo Testamento, como o sacerdotal e o cronista, também discorrem sobre a importância sagrada de celebrar as festas solenes em honra a YHWH (DE VAUX, 2003, p. 522-523).

1 A ORIGEM DA PÁSCOA

A festa israelita tem sua origem em um ritual de sacrifício feito por pastores nômades e seminômades. O rito acontecia no início da primavera, quando os pagãos sacrificavam um animal novo para receberem em troca da divindade um rebanho fecundo e próspero. O sangue do animal sacrificado era aspergido nas armações das tendas para afastar os poderes do mal, do exterminador. O animal era assado no fogo; para acompanhar: pães ázimos (sem fermento), e ervas amargas, plantas achadas no deserto pelos nômades. E como o nômade estava sempre em marcha, a maneira de se posicionar para esta festa pagã era como bem escreve De Vaux: "Come-se com os lombos cingidos e as sandálias nos pés, como para uma

longa marcha, e o cajado de pastor à mão" (2003, p. 525-526).

Assim como a Páscoa, a festa dos Ázimos tem sua origem como uma festa agrícola pagã. A festa marcava o começo da ceifa da cevada. Durante sete dias comia-se pães sem fermentos, isto é, a perspectiva era de um tempo novo, um novo começo. Logo, não se poderia misturar nada antigo (fermento) com o novo início da nova colheita. Ela começa a ser celebrada em Israel após a entrada em Canaã (cf. Lv 23,10) (DE VAUX, 2003, p. 527).

2 A FESTA JUDAICA

No judaísmo, a festa da Páscoa é conhecida como *pesah*. A etimologia da palavra é muito controversa. Em um primeiro entendimento, a palavra significaria *coxear* (2Sm 4,4)*, saltar* (1Rs 18,21). Dessa forma, quando da morte dos primogênitos do Egito, o anjo do Senhor teria saltado a casa onde se estava celebrando a Páscoa. A palavra também poderia ter sua origem no acádico *pasahu*, que tem por significado *pacificar;* um outro significado para *pesah* seria do egípcio e significaria *golpe*, na tentativa de dar um conceito de golpe para a morte dos primogênitos: a décima praga como o último golpe sofrido pelos egípcios (DE VAUX, 2003, p. 525).

> Israel irá se apropriar dessas duas festas pagãs da primavera e lhes imprimirá um outro significado dentro da história de sua eleição e salvação por YHWH. E esta salvação de YHWH acontece dentro da história do povo judeu, isto é, por meio de fatos e intervenções divinas na história do povo da bíblia (DE VAUX, 2003, p. 529).

Portanto, foi a partir de uma espetacular intervenção de YWHW sobre Israel que a passagem do povo judeu de uma vida de escravidão para a liberdade ficou conhecida como fato fundante de sua história. Foi o cumprimento da promessa, feita outrora aos pais, de uma terra fecunda e próspera. A partir de então, a Páscoa terá uma importância perene para o povo de Israel. Celebrar a Páscoa depois da libertação significa celebrar como um memorial o dia em que YHWH salvou o povo hebreu dando-lhe uma vida nova.

Nota-se que alguns elementos oriundos das festas pagãs continuaram no rito judeu (cf. Ex 12), como os ázimos, as ervas amargas, a escolha do animal (novo), a aspersão do sangue, agora nos umbrais das portas. A mudança mais significativa, sem dúvida, é a intervenção divina que salva Israel, seu primogênito, na figura de todos os primogênitos judeus que sobreviveram à passagem do anjo da morte.

3 A FESTA ANTIGA DOS JUDEUS RESSIGNIFICADA POR JESUS

No tempo do judeu Jesus, como ainda hoje, a Páscoa era uma celebração litúrgico-familiar. Constate-se a preocupação do mestre Jesus em organizar sua celebração, conforme Lc 22,7: "Veio o dia dos Ázimos, quando devia ser imolada a Páscoa. Jesus então enviou Pedro e João, dizendo: 'Ide preparar-nos a Páscoa para comermos'" (Bíblia de Jerusalém, 2002).

Encontrar o lugar específico para a celebração era fundamental, pois o lugar sagrado para a liturgia judaica era a *casa,* que era considerada como um santuário. No judaísmo, o encontro familiar para uma refeição era, por excelência, um ato religioso, no qual "a mesa da família era considerada um altar; as refeições como um rito sagrado; e os pais como os sacerdotes celebrantes" (DI SANTE, 2004, p. 158). O sentido sagrado do momento da refeição judaica se dá não somente pelo aspecto nutritivo e agradável do ato de comer, mas pela percepção de que todo alimento que está à mesa é dom, graça de YHWH (DI SANTE, 2004, p. 159). E quem são os convidados para a partilha e a ação de graças? Primeiramente, o núcleo familiar, depois vêm outras pessoas unidas pelo amor e a amizade.

Para o povo judeu, convidar alguém para partilhar sua mesa "era sinal de paz, de confiança, de fraternidade e de perdão" (JEREMIAS, 1980, p. 244). Jesus comerá a Páscoa com seus seguidores, provavelmente com alguns familiares. Será neste contexto familiar, do memorial da libertação de Israel, que será instituída a Eucaristia.

Como uma liturgia familiar, o pai tem a função de sacerdote, ele que

se dirige a YHWH, em nome da assembleia que se reúne para celebrar a festa da salvação de Israel. A mãe tem a função de acender o candelabro. Provavelmente, na última ceia esta função teria sido de Maria. A festa consistia em um abundante banquete, no qual não poderia faltar o cordeiro assado, que era precedido por uma refeição litúrgico-simbólica onde cada alimento tinha valor simbólico ao rememorarem o êxodo do Egito.

Dentro dessa refeição simbólica, os dois principais elementos são o pão, símbolo da abundância e do dom de YHWH, e o vinho, símbolo da alegria e da festa. Durante a ceia, o pai, na última ceia, com certeza, Jesus, abençoa em nome de YHWH o pão e o vinho. Certamente, foram nesses momentos da benção judaica do pão e do vinho que Jesus instituiu a Eucaristia.

Agora, para os seguidores do Ressuscitado, não serão mais o pão e o vinho, mas o corpo e o sangue de Cristo que será derramado para sua salvação. Este momento será, para sua Igreja, a partir de então, um perene memorial. Para os primeiros cristãos, esta liturgia será conhecida como a ceia do Senhor.

Todavia, até que se chegasse ao entendimento litúrgico e teológico que temos hoje, o percurso foi longo e conflitante, como pode ser verificado a partir da exortação de Paulo à Igreja de Corinto.

4 A CEIA DO SENHOR EM CORINTO

Seguindo a ordem de Jesus na última ceia: "fazei isto em memória de Mim", a Igreja apostólica permanece, a cada primeiro dia da semana, celebrando a festa da entrega total do Salvador Jesus. O ritual constava de três momentos: a leitura de alguma passagem do Antigo Testamento e, em seguida, o memorial da última ceia; e, por fim, a comensalidade quando todos comiam e bebiam abundantemente. Contudo, a exortação paulina no que se refere à ceia do Senhor, em 1Cor 11,1-34, que trata do comportamento dos cristãos no culto sagrado, mostra que a prática não ocorria bem em Corinto.

A comunidade de Corinto era formada por pagãos convertidos ao cristianismo. Entretanto, a crença era a única coisa que tinham em comum. Pertenciam a diversas camadas sociais, como também "diferiam bastante em instrução, recursos financeiros, formação religiosa, habilidades políticas e, acima de tudo, em suas expectativas" (MURPHY-O'CONNOR, 2000, p. 279). Hafemann corrobora essa ideia de diversidade em Corinto, quando diz que "Corinto era lugar de mistura pluralista de culturas, filosofias, estilos de vida e religiões e dava a impressão de uma cidade em grande progresso econômico" (2008, p. 281).

Logo, o conflito que pedirá uma intervenção de Paulo diz respeito ao conceito pagão-religioso de uma refeição. Enquanto o judaísmo entendia a refeição com um momento sagrado de agradecimento pela benção do alimento e, a partir da última ceia de Jesus, o sentido desta refeição passa a significar a entrega total de Cristo pela humanidade para os cristãos, a ideia greco-romana de refeição designa momentos festivos de prazer. Estas refeições se relacionavam a oferendas e sacrifícios aos deuses pagãos. Também havia refeições celebrativas onde se cultuavam os mortos. Eram práticas comuns "nas diversas religiões de mistério no helenismo, como também dentro do judaísmo gnóstico" (MARSHALL, 2008, p. 211).

Nesse contexto de diversidade, o apóstolo Paulo evangeliza e exorta a sua comunidade. Em 1Cor 11,17-34, Paulo explicita o pecado da comunidade em relação ao verdadeiro sentido da ceia do Senhor. "A ceia do Senhor está centralizada na morte expiatória de Cristo e no seu sacrifício vicário. A cruz de Cristo, e não o egoísmo humano, está no centro desta celebração" (LOPES, 2008, p. 214).

Apesar do ambiente pagão de Coríntio, a exortação paulina acerca da liturgia da ceia é de "caráter nitidamente social, que refletia as práticas sociais do mundo pagão" (MARSHALL, 2008, p. 211), onde os ricos eram os privilegiados enquanto os pobres passavam fome. Paulo toca na principal ferida da comunidade de Corinto: a tensão entre ricos e pobres. A ceia do Senhor acontecia na casa de pessoas abastadas, pois somente esses locais comportavam um número maior de pessoas. Os ricos levavam muitas

iguarias, e muitos pobres iam na certeza de comer alguma coisa naquele dia.

Paulo alertava: "Quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor" (1Cor 11,20), visto que, quando não se vive a comunhão fraterna, não se realiza a Ceia do Senhor. Para o apóstolo, toda essa divisão social durante a ceia do Senhor não condizia com o propósito da refeição (MARSHAL, 2008, p. 212).

Ao recordar o ensinamento que recebeu da tradição apostólica acerca da instituição da eucaristia (v. 23-27), ele pede: "que cada um examine a si mesmo antes de beber desse pão e de beber desse cálice. Pois, aquele que come e bebe sem discernir o corpo come e bebe a própria condenação" (1Cor11, 28-29) (Bíblia de Jerusalém, 2002).

A explanação de Paulo quanto à postura do cristão que deseja estar à mesa da refeição sagrada, na qual Jesus se fez sacerdote e oferenda pela salvação da humanidade, é simples, mas ao mesmo tempo profunda. Sentados à mesa da Eucaristia, deve-se olhar para as quatro direções ao mesmo tempo: olha-se para trás e contempla-se a cruz de Jesus e todo o seu sacrifício vicário; olha-se para a frente e espera-se a Parusia, pois é por isso que devemos celebrar a Eucaristia como um memorial até a sua volta; olha-se para dentro de si, julga-se a si mesmo, investiga-se o seu coração; e o quarto e último movimento é olhar para os lados, quem é que caminha ao meu lado? O que está faltando na mesa da partilha e da igualdade, que nos é oferecido por Cristo? Por vezes, pode estar faltando um prato de comida, um copo com água, porém pode ser apenas a falta de um sorriso, de um abraço ou de um simples: seja bem-vindo/bem vida à nossa comunidade; um simples gesto de acolhimento pode fazer uma enorme diferença na vida de alguém (LOPES, 2008, p. 215-216).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando o sentido mais antigo das festas pagãs, encontramos a alegria e a confraternização daqueles que celebravam. A cultura judaica,

mesmo colocando todo o seu sentido sagrado ao ressignificar muitas festas profanas, também tem na diversão, na alegria e na fartura de bebida e comida ingredientes principais de suas celebrações.

Ao instituir a Eucaristia ao ressignificar uma festa litúrgica judaica, Jesus oferece à sua Igreja um sacramento perene de sua entrega incondicional ao projeto do Pai: a salvação da humanidade. Desde aquela última ceia, a Igreja de Cristo se compromete a fazer memória daquela noite, quando Jesus se faz um único pão para toda a humanidade. Todos, sem exceção, devem partilhar desse pão do céu.

Participar da mesa da Eucaristia é comprometer-se com o Reino de Deus. Esse compromisso se dá a partir da adesão à palavra de Deus, que nos ensina a construir um mundo melhor, sem muros, sem divisões, onde se partilha os bens, os afetos, as preocupações, as tristezas, as alegrias e se viva o amor. A Eucaristia é, pois, essa mesa de fraternidade e igualdade, onde o Cristo, cordeiro imolado, a cada celebração nos convida a sermos esta Igreja fraterna e acessível a todos que caminham ao nosso lado.

REFERÊNCIAS

DI SANTE, C. *Liturgia Judaica*: Fontes, estruturas, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

HAFEMANN, S.J. Carta aos Coríntios. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008, p. 270-289.

JEREMIAS, J. *La última cena:* Palabras de Jesús. Madri: Cristiandad, 1980.

LOPES, H. D. *1 Coríntios*: como resolver conflitos na Igreja. São Paulo: Hagnos, 2008.

MARSHALL, I.H., Ceia do Senhor. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008, p. 210-217.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. Paulo: biografia crítica. São Paulo: Loyola, 2000.